

Educação

EM REVISTA

Uma publicação do SINEPE/RS

Nº 122 / Ano XX / Junho - Julho 2017



A VEZ DAS HABILIDADES SOCIOEMOCIONAIS

Reportagem especial traz os últimos estudos sobre o impacto das habilidades socioemocionais no desempenho escolar e dicas de como trabalhá-las em sala de aula



Foco nas habilidades socioemocionais

22



TENDÊNCIAS

Você sabe o que é inovação social?

16



GESTÃO

Graduação tecnológica: falta informação e sobra preconceito

18



INTERNACIONAL

Inovação e tecnologia no Vale do Silício

09



SALA DE AULA

Avaliação da aprendizagem deve estimular o sucesso

10



ESPECIAL ESCOLAS INOVADORAS

Escola rural ensina como trabalhar por projetos

12



OPINIÃO

A gestão da interação cultural entre professor e aluno

14



DICA DE MESTRE

Aprendizagem ativa: uma experiência nas aulas de História

15



INTERDISCIPLINAR

Adolescência: fase de complexidades e fragilidades

20



INSTITUCIONAL

SINEPE/RS lança livro sobre Educação 3.0

29



LEGISLAÇÃO

Reforma do Ensino Médio: autonomia e federação

33



ARTIGO CIENTÍFICO

Competências e habilidades para uma educação integral

38



Desenvolver habilidades socioemocionais pode melhorar o rendimento escolar

Um olhar para além do conteúdo

Por Vívian Gamba

Economia, psicologia, pedagogia e outros campos de conhecimento começaram a perceber, nos últimos anos, que características não cognitivas influenciavam muito mais do que se imaginava fatores como resultados positivos na escola e indicadores de progresso social, como renda, saúde, relacionamento. O bom desempenho não era relacionado apenas à escolaridade ou à condição social, mas também a atributos pessoais, à maneira como cada indivíduo consegue lidar com seus desafios e se relacionar. Surgem, então, pesquisas – e respostas – de diferentes áreas sobre as

competências socioemocionais. “Ficou mais claro que existia um tipo de competência necessária e essencial para que você vivesse bem, vivesse positivamente, conseguisse realmente atingir seus objetivos, e que isso era muito mais universal, característico do ser humano, do que, necessariamente, construções socioculturais”, afirma a mestra em Desenvolvimento de Currículo e Educação Inclusiva com especialidade em Competências Socioemocionais pelo Teachers College da Columbia University Letícia Lyle.

Pesquisas, realizadas até hoje, não só provam que trabalhar as habilidades

socioemocionais é importante, como mostram a relação direta com o desempenho escolar. Exemplo disso é o estudo realizado pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) que resultou na publicação ‘Competências para o Progresso Social: O poder das competências socioemocionais’, realizada em parceria com o Instituto Ayrton Senna e a Fundação Santillana. A pesquisa mostra que alunos mais responsáveis, focados e organizados apresentam, em média, 30% a mais de aprendizado em Matemática num ano letivo quando comparados aos que têm essas competências menos

desenvolvidas. A proporção é a mesma para o desempenho em Português quando se trata de alunos com mais abertura a novas experiências e protagonismo.

Na visão do Instituto Ayrton Senna, responsabilidade, colaboração, comunicação, criatividade, autocontrole e abertura são as competências que desempenham papel crucial no sucesso escolar e devem ser priorizadas no currículo. “Uma das maneiras pelas quais a gente começa a justificar e validar (essa necessidade) é que muitas pesquisas, dentro e fora do Brasil, apontam os benefícios de trabalhar intencionalmente essas competências na escola, como uma melhoria de 11% em testes acadêmicos, redução de evasão escolar, melhora de atitude pró-social, melhora de relacionamento frente aos pares, redução de bullying e uma série de outros resultados”, justifica Letícia.

A diretora do Instituto TRI e do InTCC, psicóloga Marina Gusmão Caminha, comemora que, finalmente, questões como empatia, resiliência e regulação emocional passaram a ser o centro de algumas pesquisas, mostrando-se tão ou mais importantes que os aspectos cognitivos. “Um aluno com um fantástico desempenho nas notas não será, necessariamente, o sujeito mais preparado para as vicissitudes e as adversidades da vida. Se pensarmos que nossa vida não é uma estrada de linhas retas, e sim estradas com curvas e obstáculos, devemos pensar em preparar essas crianças

para essa estrada real, equipando-as com ferramentas e estratégias que as ajudem no enfrentamento de situações difíceis.” Ela coloca que o problema é quando a escola mira num único obstáculo, o vestibular ou o Enem, e passa a acreditar que a vida escolar se resume a preparar seus alunos para uma ou mais provas. “Passar uma infância e uma adolescência com o foco nisso é de alguma forma perder muitos dos aspectos saudáveis da infância e da adolescência. O desenvolvimento de habilidades sociais e emocionais tem inúmeras vantagens, entre elas o incremento de atitudes colaborativas e o desenvolvimento de estratégias de resolução de problemas.”

Base teórica

Uma das grandes contribuições para essa teoria tem como expoente o Nobel de Economia James Heckman. Ao tentar descobrir o que era preciso para o século XXI, diante de mudanças exponenciais pelas quais o mundo vinha passando, ele tem como foco as características de personalidade dos indivíduos. Com grupos de pesquisa ligados à psicologia da personalidade e à economia da educação, aliou seu trabalho a uma linha de estudos chamada Big Five, seguida pela OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Ela aponta cinco grandes construtos dessas competências não cognitivas: 1) abertura a novas experiências, que está

Alunos mais responsáveis, focados e organizados apresentam, em média, 30% a mais de aprendizado em Matemática

relacionada à flexibilidade, originalidade; 2) consciencialidade, relacionada à autorregulação, à autopercepção e ao senso de responsabilidade; 3) extroversão, no sentido de energia, vontade de aprender, engajamento; 4) amabilidade, o modo como nos socializamos e vemos o mundo; e 5) neuroticismo, a lente com a qual vemos o mundo.

Nos anos 1990, uma segunda corrente, ao olhar para a mesma questão – como preparar o aluno para um novo século –, tentava descobrir o que as escolas estavam fazendo que não era possível ver ou medir. Após pesquisas em torno do que era a aprendizagem socioemocional, o grupo CASEL (Collaborative for Academic, Social, and Emotional Learning) chegou a cinco grandes componentes passíveis de observação e trabalho: 1) autoconhecimento; 2) autorregulação; 3) sociabilidade; 4) relacionamento; e 5) tomada de decisões responsáveis. Outra linha muito apreciada, segundo Letícia, é a das “competências do século XXI”, que propõe um processo inverso: identifica um conjunto de habilidades em determinadas pessoas mais bem-sucedidas em seu trabalho e supõe que, num ambiente colaborativo, essas pessoas são mais necessárias. Então, um grupo de empresas que precisa contratar pessoas com determinado perfil passa a definir quais as competências do século XXI – entre elas estão colaboração, pensamento crítico, comunicação, autonomia.

Pesquisas do economista Heckman mostram que pelo menos metade dos benefícios da escola já passa por canais não cognitivos,



pelo fato de haver um bom relacionamento entre o aluno e o professor e também com seus pares. Então os professores, de alguma forma, já fazem isso. Já está acontecendo na escola. As habilidades socioemocionais vêm com outros recortes, com algumas propostas de que isso seja intencional e trabalhado também com o professor e na escola.

O mestrando em Educação na Universidade de Stanford, Estados Unidos, Caetano Siqueira afirma que o desenvolvimento das crianças tem uma base muito ampla, desde o que veem em casa e na escola até a interação com os colegas. Ele aponta um modelo mental de crescimento que diferencia as crianças que acreditam que nasceram inteligentes (ou não) daquelas que acreditam que a inteligência é flexível. Essas últimas têm um melhor desenvolvimento em Matemática, por exemplo. “Essa crença pode ser mudada por uma intervenção em sala de aula, na qual o professor convence o aluno de que ele pode desenvolver determinadas habilidades. Mas é importante que o comportamento desse professor não reforce o contrário, senão a criança não vai acreditar. Um exemplo disso é falar, quando ela acerta, que ela ‘é inteligente’, em vez de ‘esforçada’.”

Educadores, pais e familiares são as principais referências das crianças. “Claro que essas crianças aprendem mais com o exemplo do que com aquilo que é dito. Então um adulto que está constantemente em contato com crianças ou adolescentes

“Um professor com habilidades socioemocionais é capaz de ser um modelo e de ajudar seus alunos a desenvolverem essas competências”,

Letícia Lyle



Por causa do trabalho na área de habilidades socioemocionais, Santa Inês venceu torneio na Dinamarca

deve sempre buscar autoconhecimento, entender seus processos emocionais, cognitivos e comportamentais. Certamente, isso facilitará no manejo de situações vivenciadas em sala de aula”, orienta Marina.

Como ensinar

As competências socioemocionais podem ser ensinadas? A corrente CASEL expõe quatro maneiras de trabalhá-las na escola. A primeira delas é por currículos de intervenção direta, ou seja, espaços onde são trabalhadas a dramatização, a reflexão, e onde são feitos exercícios pensando em algumas dessas competências socioemocionais – como responder melhor a um colega, como perceber determinada situação, como lidar com situações muito difíceis, como se acalmar. “É nesse espaço que entram os programas de intervenção e de trabalho. Esses programas podem ser feitos numa escala que pega todo mundo, um modelo preventivo, para todas as crianças, ou podem ser uma intervenção para algumas crianças com dificuldades específicas que precisam ser trabalhadas”, explica Letícia.

As instituições de ensino da Rede Sinodal promovem essas intervenções por meio do programa Mente Inovadora, que se utiliza de jogos para despertar raciocínios para a vida. Segundo a vice-diretora do Instituto de Educação Ivoti (IEI), Vera Hoffmann, as crianças levam os métodos e as estratégias de pensamento para outras situações do

cotidiano. “Estamos bastante satisfeitos com a evolução dos alunos. Há diferença na construção do pensamento, e o resultado aparece tanto no desenvolvimento dessas competências emocionais quanto nos aspectos cognitivos.” A vice-diretora do Ensino Fundamental e Médio da Sociedade Educacional Três de Maio (Setrem), Marilei Assini, destaca que as atividades falam diretamente com os alunos sobre as habilidades que eles estão desenvolvendo. “Toda criança tem capacidade de aprender. E elas trazem para a vida o que aprenderam com os jogos. Além do engajamento, nossos resultados com a aplicabilidade desses métodos já perpassaram os corredores, chegaram inclusive às famílias. Isso é muito positivo.”

A segunda forma trazida pelo CASEL é a escola ter profissionais com habilidades socioemocionais bem desenvolvidas. “Isso porque um professor com habilidades socioemocionais é capaz de ser um modelo e de ajudar muito significativamente os seus alunos a desenvolverem essas competências. Aprendemos com o vínculo que temos com nossos professores, com a disciplina e com o modelo. Não adianta falar e não conseguir demonstrar aos meus alunos”, diz Letícia. É o que faz o Colégio Dom Bosco, de Santa Rosa: trabalha o planejamento estratégico pessoal com seus professores, para que eles estejam preparados para trabalhar com seus alunos as competências socioemocionais.

“O trabalho de qualificação pessoal tem por objetivo redefinir modelos, estilos e conteúdos educativos para que realmente contribuam para a formação crítica, ética, social e política dos educadores, que lhes possibilite o exercício renovado de uma cidadania participativa, construtiva e solidária”, afirma a diretora executiva, Ieda Maria Zalamena Grüber.

A terceira maneira sugerida pelo CASEL para ensinar essas competências é a intencionalidade curricular. Mais complexa, porque exige que na estrutura das escolas, do currículo (inclusive currículos regionais e nacionais), sejam colocados como valores o aluno que se quer formar, o processo de construção dessas competências socioemocionais e a abertura de um espaço para que elas sejam trabalhadas. “Muito difícil falar que quer trabalhar colaboração e não abrir um tempo e um espaço para que isso seja desenvolvido; porque você tem que dar toda a matéria e toda a

matéria tem que ser passada em aula positiva, então não se consegue fazer um trabalho de grupo”, alerta Letícia.

A quarta forma é olhar para as avaliações. “A maneira como se avaliam professores, alunos e conhecimentos ajuda a determinar o que é valorizado. Se você não valorizar explicitamente o trabalho que está sendo feito e olhar para esse trabalho, o professor não saberá qual o caminho que ele tem que seguir”, alega Letícia.

Para algumas escolas particulares, o assunto ganhou tamanha importância que virou componente curricular. É o exemplo da Escola Maria Imaculada – Medianeira, de Porto Alegre, que inclui a disciplina de Inteligência Emocional para as turmas de 6º e 7º anos do Ensino Fundamental. O objetivo é compreender e exercitar os sentimentos e as emoções próprios e reconhecer e aceitar, dentro do possível, os sentimentos alheios, de forma a orientar da melhor maneira pensamentos e ações. “Acreditamos

que o equilíbrio entre razão e emoção é a chave para a autorrealização, através do desenvolvimento de competências como autocontrole, confiabilidade, inovação e adaptabilidade. Para isso, trabalham-se habilidades como a capacidade de influenciar, de comunicar, de gerenciar conflitos, de estabelecer vínculos, de saber cooperar e liderar”, coloca o supervisor pedagógico Leandro Camargo de Souza. O papel do professor é abrir espaços de debate para a educação emocional, preparando os alunos no reconhecimento de sua forma de sentir, de pensar e de agir, bem como da responsabilidade gerada por todas essas ações.

Outra escola que colocou o assunto como disciplina foi o Colégio Santa Inês, também da Capital. O trabalho de relacionamento entre os estudantes surgiu há dez anos, com o Programa de Convivência Escolar. A iniciativa resultou na inclusão do componente curricular “Relações Escolares e Autonomia – REA”, que está

Filho sem fila

MAIS SEGURANÇA E MENOS TRÂNSITO NA SAÍDA DA SUA ESCOLA



Hora da saída
de alunos 75%
mais rápida



Comprovado por
mais de 100 escolas
e 90 mil usuários



Economia de
30 horas/ano/
responsável



**Contrate e ganhe mais
um argumento para
atrair e reter alunos.**

+55 11 3090 6832

contato@filhosemfila.com.br

www.filhosemfila.com.br

entre os diferenciais da instituição. “O objetivo é proporcionar um ambiente facilitador da aprendizagem não apenas no âmbito cognitivo, mas também, e de igual importância, no socioafetivo”, explica a psicóloga escolar Bianca Sordi Stock. “Hoje temos estudantes mais empáticos, capazes de uma convivência pacífica e com grande capacidade para a resolução de conflitos de forma respeitosa e resolutiva.” Ela destaca a recente conquista da equipe de robótica do Santa Inês no Torneio Aberto Europeu de Robótica, na Dinamarca. Os estudantes voltaram para o Brasil com o Gracious Professionalism Award, reconhecimento aos competidores que atuam com profissionalismo e ética ao longo de toda a competição, profissionais que agem com inteligência e respeito na construção de materiais e atitudes capazes de beneficiar as pessoas, contribuindo para uma rede de saberes. O torneio reuniu 118 equipes de 50 países.

A FEMA (Fundação Educacional Machado de Assis), de Santa Rosa, começou a trabalhar no início deste ano a proposta “Líder em Mim”, um programa de sete hábitos no qual os alunos são incentivados a serem proativos, a criar sinergia, a fazer primeiro o mais importante. Com essas práticas diárias, enxergam os seus próprios dons, aprendem além dos conteúdos técnicos e científicos, resolvem conflitos, enfrentam desafios e passam a ter

uma educação diferenciada, com princípios de liderança. Ao desenvolver habilidades socioemocionais, tornam-se indivíduos mais independentes e confiantes, com desempenhos melhores tanto na vida pessoal como profissional, acreditam os gestores. O programa atende alunos do 1º ao 6º ano do Ensino Fundamental.

Na Instituição Evangélica de Novo Hamburgo (EINH), as habilidades socioemocionais são desenvolvidas por meio de

“Não é uma moda, que vai passar. O trabalho com essas competências estará cada dia mais presente em qualquer ambiente”,

Letícia Lyle



Professor precisa ser capacitado para trabalhar as habilidades socioemocionais no currículo

projetos que englobam os aspectos emocionais, as fases do desenvolvimento e a própria avaliação dos alunos. Os projetos incluem atividades diversas como palestras, tarefas de aula e dinâmicas. A proposta pedagógica do Colégio Scalabriniano Nossa Senhora Medianeira de Bento Gonçalves

é, por meio de investigações e intervenções, desenvolver um processo de autoconhecimento no qual se propõe uma educação moral e ética, em que a criança pode realizar diferentes experiências. Destacam-se como fundamentais as habilidades socioemocionais, da Educação Infantil ao Ensino Médio: otimismo, perseverança, autocontrole, autoconfiança,

curiosidade, gratidão e consciência.

No Colégio Marista Santo Ângelo, investiu-se na reorganização do espaço físico para estreitar o relacionamento, a interação e o trabalho em equipe. As turmas dos Anos Finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio são organizadas formando um “U”, a fim de que os alunos possam olhar uns para os outros e para que o trabalho cooperativo, as relações, a interação e o movimento sejam otimizados.

Desafio

Começar a trabalhar com as competências socioemocionais é um grande desafio. De alguma forma, isso exige que se revisitem e que se reconfigurem conhecimentos, inclusive formativos, guardando o que faz e o que não faz sentido nesse campo, analisa a especialista em Competências Socioemocionais Letícia Lyle. “Não é uma moda, que vai passar. O trabalho com essas competências estará cada dia mais presente em qualquer ambiente, inclusive no sistema escolar. Depois de colocar mais dinheiro na educação, valorizar o professor, atualizar currículos, foi o que se encontrou de transformação com resultados eficientes, importantes e essenciais, que não são exorbitantes ou exógenos à prática pedagógica. São de dentro, transformados por alunos, professores e gestores.”

Caetano coloca que é importante que a liderança da escola – diretores e coordenadores pedagógicos – esteja alinhada a como fazer e priorize o que fazer. “É um bom ponto de partida. Uma vez que isso está colocado, é preciso definir uma metodologia. Há vários componentes curriculares que podem ser utilizados, ou uma moção direta ou uma ponte para o professor criar em sala de aula. No Brasil já há materiais didáticos nesse sentido que podem ajudar.”

Para Letícia, esse processo inclui a reconfiguração da missão da instituição de ensino e um trabalho muito relevante de currículo, no sentido de definir o eixo

estruturante dos tempos e dos espaços da escola, de como se pode ou não trabalhar determinadas coisas. “É muita gente nova, é muito estudo novo. Não é algo que começou no Brasil ou na Finlândia, é um campo de estudo muito sério, que envolve muita pesquisa. Então é preciso ter um processo de formação, uma conversa franca com o corpo gestor, o corpo docente, os pais e os alunos. É o primeiro passo para estruturar todo esse processo e esse projeto.”

No Brasil, o assunto ganha ainda mais força agora que entrou na nova Base Nacional Comum Curricular (BNCC). A Base define dez competências a serem trabalhadas nas escolas: conhecimento; pensamento científico, crítico e criativo; senso estético; comunicação; argumentação; cultura digital; autogestão; autoconhecimento e autocuidado; empatia e cooperação; e autonomia.

E o que é ideal? Começar trabalhando com um programa de intervenção, porque neste momento é o que se consegue fazer? Ou trabalhar com formação? Ou adaptar todo o material para dar conta dessas novas demandas? Letícia recomenda que não se olhe para uma fórmula certa, porque ela vai passar pelos componentes da escola, que talvez já tenha uma prática mais próxima das competências socioemocionais e que vai dar conta de fazer uma transformação e uma atualização mais rápidas. “Outras escolas talvez precisem reformular e revisar esses conceitos, e isso leva tempo. Se for uma coisa forçada, ela acaba não acontecendo, porque ensinar e aprender

é um relacionamento. O próprio professor (deve) lidar com esse conhecimento novo com tempo, com pausa, com calma, e se a gente não der esse tempo, a gente acaba atropelando as pessoas.”

Preparação, planejamento e resultado

Assim como em qualquer coisa nova, planejamento é essencial. “Quanto mais tempo a gente conseguir passar se conhecendo, se acostumando com essas novas maneiras de abordar e trabalhar o conhecimento na escola, mais chance a gente vai ter de que isso se transforme em prática recorrente mais rápido”, defende Letícia. Para ela, a prática da formação continuada, a cultura da discussão pedagógica nas escolas, muitas vezes não acontece, acaba ficando subjugada a uma questão de preço. “Às vezes a escola não tem recursos ou não tem recursos para pagar esse tempo de planejamento do professor, que é um tempo de trabalho. Planejamento é trabalhar. Então fica difícil mesmo”, aponta. Nesse momento, é fundamental o papel do gestor. “Se ele quer uma transformação que ajude realmente a melhorar vários índices dessa escola – sociais, econômicos, acadêmicos –, ele vai precisar investir no planejamento e na formação desses professores. É complicado fazer essa transformação no meio da sala de aula, com tudo o que está acontecendo, com tudo o que você tem que entregar.”

“Não é questão de se habituar a uma nova linha de trabalho, mas de estudar, se aprimorar e ressignificar o que tem a ver com a nossa prática”,

Letícia Lyle

Letícia lembra que “não é questão de se habituar a uma nova linha de trabalho, mas de estudar, se aprimorar e ressignificar o que tem a ver com a nossa prática. Uma vez que o professor começa a ver o resultado, é muito mais fácil”.

Quanto à formação da equipe, o investimento deve ser para todas as pessoas envolvidas no desenvolvimento das crianças, “desde os educadores que estão em constante contato com elas até o monitor de pátio, que lida com inúmeras situações do cotidiano desses alunos”, lembra Marina. Alguns materiais didáticos, segundo Caetano, já vêm com proposta de formação de professores associada.



PAZ
Brindes

Presentes Personalizáveis Dia dos Pais 2017



Caneca



Garrafinha



Copo Porta Retrato



Cuia de Chimarrão



Toalhas



Bolsa Térmica



Necessaire de Viagem



Frasqueira

(51) 996.686.580 vivo
(51) 98649.7996 oi



Solicite uma visita
ou orçamento
sem compromisso.

 /Pazbrindes
vendas@pazbrindes.com.br

Mas o tempo destinado ao desenvolvimento de competências socioemocionais em sala de aula, em vez de ser reservado às cognitivas, não deixará os alunos em desvantagem? Ao contrário. Ao investir no desenvolvimento das competências socioemocionais, elevam-se as oportunidades e as condições para a aquisição das competências cognitivas; portanto, é uma estratégia de redução de desigualdade, de acordo com o Instituto Ayrton Senna. O desenvolvimento de competências socioemocionais não se dá de forma separada do ensino de competências cognitivas. Assim como o aluno é um ser uno e pleno, a aprendizagem também deve se dar de maneira

integrada, com habilidades cognitivas e socioemocionais sendo desenvolvidas ao mesmo tempo durante as mesmas atividades pedagógicas. Não há, portanto, “tempo para uma” e “tempo para outra”.

Para Caetano, a maior motivação para esse trabalho é o resultado. “Acho que ter alunos progredindo no desenvolvimento das suas habilidades, que estão cada vez mais trabalhando melhor um com o outro, acreditando no seu próprio potencial, é superdesejável para qualquer professor. Importante é que eles saibam como desenvolver essas competências e tenham suporte nessa trajetória”, afirma.

“Os alunos ganham a chance de trabalhar

uma outra dimensão deles, a dimensão integral, de saúde, de bem-estar emocional, físico, mental. Uma chance de não se medir apenas pelo resultado cognitivo de uma prova ou de como ele está entendendo a disciplina de Matemática ou Português. Trabalhar com competências socioemocionais com mentalidade de crescimento influencia toda a visão sobre si mesmo, sobre como se chega ao conhecimento, dá uma postura muito mais esperançosa, de possibilidade, de esforço e de transformação”, acredita Letícia.

As evidências estão postas, são muitas e têm origem em inúmeros estudos ao redor de todo o mundo. Não é modismo, e sim o que especialistas de diversas áreas atestam ser essencial para o desenvolvimento do indivíduo. Há muito as escolas falam em “formação integral”, por isso precisam incluir nesse trabalho o desenvolvimento das habilidades socioemocionais. É urgente, necessário e tão importante quanto os componentes curriculares. É preciso profissionalismo, planejamento, investimento, ousadia e determinação para fazer tudo isso sair do campo das ideias. ●

A pauta desta reportagem foi construída em reunião realizada na Regional Noroeste e contou com a participação dos seguintes educadores: Aline Fernanda Brincker, Angela Hofmeister Mateus e Ieda Maria Zalameña Grüber (Colégio Salesiano Dom Bosco), Daniela Balkau, Délcio Regis Haubert e Elisete Fritsch (Fema), Dinara Amaral Ehlert (Instituto Sinodal da Paz), Jerry Barth (Colégio Marista Santo Ângelo), Maria Aparecida Beruânger de Andrade e Wilson Hélio Hirt (Centro Tecnológico Frederico Jorge Logemann) e Marilei Inês Zart Assini (Setrem).

Errata:

Na reportagem de capa da última edição não citamos a presença dos educadores do Colégio Marista São Luís, que participaram da reunião de pauta na regional Vale do Rio Pardo: Anderson Roberto dos Santos (vice diretor), Anete Schmitt (Coordenadora Pedagógica), Gustavo Pranke (Assessor de Comunicação) e Nei Cesar Morsch (diretor).



Confira a diferença entre competência socioemocional e competência cognitiva, vídeos sobre o assunto e o Relatório da OCDE ‘Competências para o Progresso Social: O poder das competências socioemocionais’ (disponível em Português).

